

AVALIAÇÃO DOS PROCESSOS DE ENSINO APRENDIZAGEM: A AVALIAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE DIAGNÓSTICO DO CONHECIMENTO

Renata dos Santos Souza¹
Jaqueline Farias de Oliveira²
Francisca Pereira Salvino³

INTRODUÇÃO

A Residência Pedagógica é um programa pertencente as ações integrantes a Política Nacional de Formação de Professores. Tem como objetivo, incentivar a melhoria da formação prática nos cursos de licenciaturas, propiciando a submersão do licenciando na escola de educação básica. O curso de formação acerca do Programa de Residência Pedagógica teve como objetivo promover a formação teórico-metodológica de estudantes e professores/preceptores para a implementação do Programa Residência Pedagógica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/*campus* I), o mesmo teve como público-alvo, os estudantes de Pedagogia e preceptores bolsistas do Programa de Residência Pedagógica, estudantes e professores interessados.

A avaliação é uma função necessária e constante no trabalho do professor, através dela, acompanham-se as etapas do processo de ensino aprendizagem. Por meio dela, vão sendo relacionados os resultados atingidos no processo de trabalho do professor e dos alunos, de acordo com os objetivos apresentados, com o objetivo de analisar os progressos, dificuldades e direcionar o trabalho para as melhorias.

A avaliação, frequentemente vem sendo utilizada como um processo de seleção, de classificação, fazendo com que poucos sejam selecionados nesse procedimento, acarretando, assim, a exclusão dos sujeitos que, por uma determinada causa, no decorrer daquela avaliação, não obtiveram o desempenho desejado ou tido como normal.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); bolsista do Programa de Residência Pedagógica, souzarenatads@gmail.com;

² Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); bolsista do Programa de Residência pedagógica, jfo300@gmail.com;

³ Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), fransalvino@gmail.com.

A partir destas considerações, este texto objetiva analisar concepções de avaliação, bem como instrumentos de avaliação associados a elas, focalizando seus potenciais no sentido de favorecer os processos de ensino de ensino e aprendizagem e a formação dos educandos e não meramente classificá-los.

CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO

Compreendemos a avaliação como algo constante em nosso cotidiano e nos processos de ensino e aprendizagem formais e não formais, aos quais todas as pessoas estão envolvidas. Na escola isto não pode ser entendida como algo diferente. Segundo Fernandes e Freitas (2008), há três níveis de avaliação, a saber: avaliação da aprendizagem dos estudantes, avaliação da instituição e a avaliação do sistema escolar. Esses níveis de avaliação não são isolados e precisam estar em trocas constantes, respeitando a todos os participantes.

Fernandes e Freitas (2008) denominam avaliação como, uma atividade que envolve legitimidade técnica e legitimidade política na sua realização, ou seja, o avaliador deve estabelecer e respeitar os critérios que estão referidos no projeto político pedagógico da instituição. Esta avaliação é de responsabilidade tanto coletiva, como de cada um. Ressalta-se a importância de se estimular à autoavaliação, tanto do grupo, como de alunos e professores individualmente. A avaliação “não deve ocorrer de forma aleatória, mas deve estar articulada às demais dimensões do processo educativo. Ela não representa apenas um procedimento pedagógico, entretanto transmite determinados modos de entender os homens, as sociedades e os conhecimentos” (Sobral e Salvino, 2015, p. 222).

Em nossa cultura competitiva e não colaborativa, trata-se como natural o uso das notas com o objetivo de classificar os melhores e piores avaliados. Para o senso comum, avaliar é visto como sinônimo de medir. Avaliar diz respeito a tentar melhorar ou manter uma ação no futuro, ou seja, uma reflexão sobre as informações, enquanto medir, se refere a obter informações do progresso dos estudantes. Segundo Hoffman (2014), o tempo de reflexão se refere ao conjunto de ideias, sentimentos e possibilidades de ações futuras que afloram quando o professor para e pensa sobre como os alunos estão se manifestando em relação às situações de aprendizagem propostas. Ao se refletir sobre as estratégias de aprendizagem, é essencial manter

Uma postura investigativa (não afirmativa) do avaliador: não se antecipar às constatações e conclusões duvidando sempre e buscando outras informações; uma

atitude de tolerância e de diálogo frente as novidades: observar, escutar e procurar entender diferentes pontos de vista sem buscar o consenso imediato; uma conduta de responsabilidade compartilhada: dialogar com colegas e alunos transformando reflexões e estudos em práticas individuais (HOFFMANN. 2014. p. 45).

Sem a reflexão, o fazer pedagógico é segmentado, com base em uma sequência de conteúdo, em tempos de livros didáticos e tempos que não se adequam ao que foi percorrido pelo aluno, a tudo o que o aluno aprendeu.

Quando a avaliação ocorre ao longo do processo, com o objetivo de reorientá-lo, chama-se avaliação formativa e quando ocorre ao final com o objetivo de observar o resultado, chama-se avaliação somática. Os autores apresentam a avaliação tanto como fator de exclusão, como também de inclusão escolar, no qual, informam qual deve ser a posição da escola.

[...] o papel da escola deve ser o de incluir, de promover crescimento, de desenvolver possibilidades para que os sujeitos realizem aprendizagens vida afora, de socializar experiências, de perpetuar e construir cultura, devemos entender a avaliação como promotora desses princípios (FERNANDES e FREITAS. 2008. p. 21).

A avaliação é utilizada, diversas vezes, apenas para medir as competências e habilidades dos alunos ao final de um período, além de utilizá-la como forma de exercer um controle sobre o comportamento dos estudantes. Além disso, nem sempre os professores avaliam apenas o conhecimento em sala de aula, eles emitem frequentemente, juízos de valor sobre os estudantes.

No dia a dia da sala de aula, há uma intensa relação entre professores e estudantes que propicia o contínuo emergir de juízos de valor que são expressos em observações e comentários públicos sobre o desempenho acadêmico, sobre o comportamento em sala e sobre os valores e atitudes – tanto de professores como de estudantes (FERNANDES e FREITAS, 2008, p. 25).

Isto requer uma atenção dos professores, para que tenham em mente que na sua prática, não estão avaliando os estudantes, mas as aprendizagens que eles estão cumprindo. Sobral e Salvino (2015) afirmam que o acompanhamento da aprendizagem do estudante deve ser contínuo e que se utilize de várias estratégias para a sua verificação. Hoffmann considera como papel do professor na dinâmica de avaliação,

Mediar a mobilização: manter-se atento às possibilidades dos alunos, ajustar tempos, espaços e recursos às necessidades de cada um; Mediar a experiência educativa: promover a interação efetiva entre todos os elementos da ação educativa, desenvolver situações diversificadas em diferentes tempos do processo; Mediar a expressão do conhecimento: interpretar a ‘expressão’ das aprendizagens individuais, adequar tarefas avaliativas ao contexto educativo, acompanhar a evolução e o

conjunto das aprendizagens dos alunos por meio de tarefas gradativas e complementares (HOFFMANN, 2014, p. 54).

Desse modo, a avaliação é um processo que não pode ser realizada apenas no final, cabendo ao professor a tarefa de refletir acerca de suas práticas avaliativas. Se a avaliação for bem direcionada, pode contribuir bastante para a qualidade do ensino e da aprendizagem dos alunos.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

Segundo Fernandes e Freitas (2008), os instrumentos usados no processo de avaliação são as tarefas planejadas com a finalidade de subsidiar, com dados, a análise do professor sobre o momento de aprendizagem dos seus estudantes. Estes servem também como elementos de análise de sua vida escolar. Os resultados decorrentes da aplicação dos instrumentos são provisórios e não definitivos. Esses instrumentos estão a serviço do professor ou avaliador e só têm sentido para aquele que os interpreta. Hoffmann afirma que

A reflexão no plano didático e epistemológico permite ao professor perceber que os instrumentos de avaliação precisam ser elaborados de outra forma. Trata-se, então, de pensar diferente sobre a finalidade desses instrumentos – como elementos (entre outros fatores) que apenas auxiliam o professor a delinear suas estratégias pedagógicas para a melhoria das aprendizagens (HOFFMANN, 2014, p. 67).

Os instrumentos tais como, portfólio, caderno de aprendizagens e o memorial, se encaixam no modelo de avaliação formativa, a qual, deve ser realizada ao longo de todo o processo de ensino e aprendizagem, analisando todo o percurso do estudante durante as aulas. Estes instrumentos têm em comum, a participação direta do aluno na sua formulação, em todos os passos, onde nele, o mesmo reflete, expõe seus medos, suas experiências, seus aprendizados adquiridos no decorrer das aulas e o que consideram de importante para levar no decorrer de sua vida. A utilização destes instrumentos de avaliação são aspectos importantes, pois, faz com que o estudante realize uma autoavaliação, fazendo com que o mesmo, realize uma auto reflexão e tenha uma maior responsabilidade sobre sua própria aprendizagem, suas atitudes, conquistas e medos. Estas práticas que levariam a uma maior autonomia e compromisso por parte dos estudantes, a um diálogo positivo entre os sujeitos da aprendizagem, ainda não fazem parte da cultura escolar brasileira.

Outro aspecto relacionado à avaliação é o conselho de classe, que, segundo Fernandes e Freitas (2008), em boa parte das escolas, ou tornou-se uma récita de notas e conceitos, palco de lamúrias e reclamações, ou, simplesmente, inexistente. Onde o mesmo deveria ser utilizado

como um espaço favorecido para o resgate da dimensão coletiva do trabalho docente, existindo para que as decisões fossem compartilhadas. Poderia ser constituído como um espaço de estudo e discussão sobre as questões que ajudariam na reflexão docente sobre os desafios que o cotidiano escolar nos propõe.

Não são apenas os estudantes e professores que devem ser avaliados, mas também as instituições de ensino e o sistema educacional. O projeto político pedagógico determina indicadores a serem alcançados por toda a escola. Enquanto a avaliação institucional, busca organização do coletivo para se obter uma gestão mais democrática. Os sistemas de avaliações nacionais – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), Prova Brasil – tem a função de mostrar aos professores, às autoridades e a sociedade em geral um panorama da situação da educação do país, nos diferentes níveis de ensino, com a finalidade de reorientar os processos e as políticas educacionais, tornando-as um instrumento de democracia.

A implantação dos ciclos de formação nas escolas brasileiras tem ocasionado as principais mudanças na prática da avaliação na tentativa de afastar-se da avaliação classificatória. Sua principal preocupação é garantir uma melhoria na aprendizagem e democratizar os processos educacionais.

Portanto, é importante que se busque melhorar as estratégias de acompanhamento aos estudantes e as possibilidades de incentivá-los para que comecem com expectativas proporcionadas pela educação no sentido formativo e cultural e não nos mecanismos gerados pela lógica da avaliação através de notas e exames.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, conclui-se que é de grande importância a avaliação de modo formativa, buscando sempre realizar uma autoavaliação, tanto do lado do professor como do estudante. Vale sempre lembrar que a avaliação é algo contínuo, que ocorre ao longo de todo o período de aprendizagem, na qual, a mesma, tem a finalidade de se analisar os resultados para buscar a melhoria, não sendo apenas para ter um valor a ser utilizado para ver se o aluno irá passar ou não. A reflexão sobre o processo percorrido pelo professor ou avaliador, permite que este tome-a como referência para as possibilidades de ações que ele poderá tomar no futuro, na continuidade da ação pedagógica. É preciso envolver-se com os alunos, observando e

refletindo sobre os jeitos de aprender, de ser, fazer e de conviver de cada um. Exigindo-se respeito e consideração acerca da história de cada aluno.

Os instrumentos de avaliação se utilizados de forma correta, podem auxiliar na aprendizagem do estudante, podendo se criar uma maior autonomia, responsabilidade, competência e autoconhecimento. É preciso que o professor tenha pleno conhecimento do cenário que foi criado, da dinâmica que será realizada com o aluno e das situações propostas que permitirão uma análise das respostas e manifestações sobre uma determinada noção que está sendo aprendida.

Ao avaliar o professor deve utilizar técnicas e instrumentos diversificados, possibilitando que se realize a análise de todo o caminho realizado no processo avaliativo, para que a partir de então se possa avançar no processo educativo e melhorar o que foi falho no processo de aprendizagem dos alunos.

REFERÊNCIAS

- FERNANDES, Cláudia de Oliveira; FREITAS, Luiz Carlos de. **Indagações sobre currículo: currículo e avaliação**. Brasília: MEC/SEB, 2008.
- HOFFMANN, Jussara. **O jogo do contrário em avaliação**. – 9.ed. – Porto Alegre: Mediação, 2014. p. 45 – 72.
- SOBRAL, Ana; SALVINO, Francisca. **Avaliação e progressão continuada: implicações ao processo de ensino e aprendizagem**. In: Cotidiano escolar e práticas pedagógicas. Alessandro Frederico et al. (Org.). Cotidiano escolar e práticas pedagógicas. Campina Grande – PB. EDUEPB, 2015. P. 217-243.